



## **O protagonismo da mulher vilaboense e sua atuação no cenário musical: registros em periódicos e cruzamento de representações**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: A PRODUÇÃO MUSICAL E SONORA DE MULHERES

*Noemi Ferreira dos Santos*  
UFG – *noemi.musica@yahoo.com.br*

*Magda de Miranda Clímaco*  
UFG – *magluiz@hotmail.com*

**Resumo:** Esse trabalho teve como objetivo investigar o protagonismo da mulher musicista em Vila Boa, antiga capital de Goiás, no final do século XIX e início do século XX, através do levantamento de registros em periódicos que evidenciaram as representações que circulavam sobre o seu papel, e a relação destas representações com a sua interferência na sociedade através do empreendedorismo e prática musical. Notou-se que esta mulher através da música, integrando uma sociedade claramente machista, tornou-se protagonista e venceu espaços antes inalcançáveis.

**Palavras-chave:** Protagonismo da mulher vilaboense. Atuação no cenário musical. Registros em periódicos. Cruzamento de representações.

**The protagonism of the Vilaboense woman and her performance in musical scene: recording in periodicals and intersection of representations**

**Abstract:** This work had the aim to investigate the role as protagonist of the female musician in Vila Boa, former capital of Goiás, in the late nineteenth and early twentieth centuries, through the records survey in periodicals that evidenced the representations that circulated about her role, and the relationship of these representations with her interference in society through entrepreneurship and musical practice. It was noted that this woman through music, integrating a clearly macho society, became protagonist and won space that were previously unachievable.

**Keywords:** Protagonism of the Vilaboense woman. Performance in the musical scene. Recording in periodicals. Intersection of representations.

### **Introdução**

Esse trabalho teve como objetivo investigar o protagonismo da mulher musicista em Vila Boa, antiga capital de Goiás, no final do século XIX e início do século XX, através do levantamento de registros em jornais (periódicos), com possibilidades de evidenciar as representações sociais que circulavam sobre o papel desta mulher e a relação destas representações com a sua interferência na sociedade através da atuação musical. Buscou-se saber se através da música alcançou lugares diferentes daqueles determinados a ela pela sociedade daquele período. O interesse pela investigação veio através de outra pesquisa, em andamento, que visou a atuação de mulheres violinistas neste cenário. Esta pesquisa propiciou o contato com antigos jornais que circularam em Goiás no período recortado, onde puderam

ser encontrados alguns registros sobre a atuação marcante e empreendedora da mulher no cenário musical, abordada com respeito e admiração. Ao mesmo tempo, os mesmos jornais apresentaram vestígios de uma mentalidade machista clara. Estas duas circunstâncias instigaram as pesquisadoras, resultando neste trabalho.

Vila Boa foi a primeira capital de Goiás, surgiu por volta do ano de 1726 no período do ciclo do ouro no Brasil, como consequência da exploração deste metal na região (PALACIN; MORAES, 1994). Com a decadência do ouro no século XIX, ocorreu um grande investimento na pecuária e agricultura, algumas famílias se reestruturaram financeiramente, o que propiciou uma busca maior pela atividade cultural, inclusive pela música (MENDONÇA, 1981), cujo aprendizado acontecia através de mestres que atendiam em casas (*A Tribuna Livre*, n. 51, 1881, p.4). Essa contextualização justifica o foco nas mulheres de famílias tradicionais da antiga capital goiana. Isto tendo em vista que enquanto a mulher goiana branca e socialmente bem colocada tinha esse acesso à educação musical através de mestres de música, tinha suas atividades comentadas pelos periódicos, a mulher negra e a mulher indígena não tiveram registradas as suas atividades musicais, muito menos foram citadas em jornais. A abordagem destas atividades exige outra trajetória metodológica, portanto, que acontecerá em pesquisas vindouras que terão essas mulheres como objeto de estudo. Continuando a localizar historicamente a sociedade Vilaboense, importante lembrar que na década de 1930, interagindo com os projetos nacionais do Presidente Getúlio Vargas, que investiu na Marcha para o Oeste, a capital do estado foi transferida para a cidade de Goiânia (CHAUL, 2009), fato que também ajudou a delimitar o período recortado nesta investigação.

Considerando essas primeiras colocações, realizou-se uma pesquisa através de levantamento de cunho documental historiográfico, sobretudo, através do contato com o acervo da Biblioteca Nacional digital, que disponibiliza antigos jornais que estiveram em circulação no estado de Goiás no fim do século XIX e início do século XX. Dados colhidos nestas fontes, relacionados aos dados colhidos na bibliografia levantada, que possibilitou a abordagem de alguns elementos do contexto sócio-histórico e cultural em questão, foram analisados e interpretados. Assim, além de um levantamento documental, foi realizado também um levantamento bibliográfico que buscou autores como Chaul (2009) e Palacin; Moraes (1995), que forneceram um panorama do cenário goiano; autores como Alves; Alves (2016); Nogueira; Fonseca (2013); Desouza; Baldwin; Rosa (2000) e Ribeiro (2001), que possibilitaram o contato com abordagens de gênero; e autores que fundamentaram teoricamente esse trabalho, como Chartier (2002), Hall (2015) e Pesavento (1995), que

refletiram sobre as questões do simbólico, do imaginário, que dão suporte às representações sociais, percebidas aqui no seu viés forjador de processos identitários. Importante lembrar que este embasamento teórico foi sempre tratado a partir de um olhar cuidadoso, atento às realidades locais, buscando entender as peculiaridades sócio-histórico e culturais de um estado localizado no Brasil Central.

### **Ser Mulher no fim do Século XIX e início do Século XX... em Vila Boa!**

Chartier (2002) observa que cada sociedade constrói diferentes “modos de ser e de estar no mundo”, que são diversos de acordo com os diferentes grupos que os incorporam. Estas concepções de mundo são conhecidas como representações sociais, constructos simbólicos que se objetivam nas práticas, obras e formulações intelectuais destes grupos, capazes de forjar e reafirmar identidades, o que é corroborado por Hall (2015). Isso demonstra que as práticas da sociedade, constructos dessa mesma sociedade, são significadas e ressignificadas de acordo com o grupo social, o tempo vivido, e o resultado dos inevitáveis encontros culturais (Ibidem). Pesavento (1995, p. 16), alinhada também com Chartier, defende que “a sociedade é instituída imaginariamente, pois se expressa de forma simbólica através de um sistema de ideias e imagens que constrói o que entendemos ser a representação do real”. Neste sistema estão integradas as construções dos papéis de cada grupo social na sociedade. Muitas vezes um grupo domina sobre outros e o interesse do grupo dominante prevalece. Assim, homens e mulheres, através da história, sempre desempenharam papéis específicos e divergentes, relacionados com o significado que a sua sociedade tem construído acerca dos gêneros. No Brasil, desde a colonização portuguesa, por muito tempo, a mulher teve um papel canonizado. Desouza, Baldwin e Rosa o relacionam a um ideal de “Maria-santa, frágil, virgem e mãe”. Com o passar do tempo, essa mulher teve dificuldades para trabalhar, além de ganhar bem menos quando conseguia emprego. Viviam sob a bandeira de que o papel natural das mulheres era o de ser mãe e do lar, era educada, em sua maioria, para se casar (DESOUZA; BALDWIN; ROSA, 2000, p. 486-487).

No século XIX, em Goiás, pôde ser notado através das pesquisas realizadas, que o ideal de mulher não era diferente daquele de “Maria-santa” conforme mencionado. Através de registros de jornais, que já circulavam na segunda metade deste século em Vila Boa, puderam ser observados diversos discursos de cunho claramente machista, que já apontavam representações sociais relacionadas ao papel da mulher naquela época. O jornal *A Tribuna Livre* na Seção Variedade – “Virgem, mulher e mãe” - discorre sobre três supostas fases que a

mulher possui em sua vida: a mulher que é virgem, aquela que não é mais virgem e a mulher que já se tornou mãe. Afirma que quando ainda virgem, é o sonho do poeta, porém, aquela que já não é mais virgem, só apresenta encantos materiais. Já o terceiro tipo de mulher, a mãe, representaria o amor, a dedicação, a mulher ideal (*A Tribuna Livre* n° 69, 1879, p. 4). O jornal apresenta diversas matérias com esta mesma temática. Outro exemplo é o texto “Conselhos para mulher casada ou por casar-se”, em que se desdobram doze conselhos para as mulheres, dentre eles, que ela não deve contradizer o marido, não ser curiosa com seus negócios e não se mostrar mais inteligente que ele (*A Tribuna Livre* n° 006, 1880, p. 4).

No *Correio Oficial de Goyaz*, também foram encontrados textos que demonstraram o que aquele imaginário social entendia como papel da mulher. Na edição de 8 de maio de 1875, há um poema dedicado às mulheres exaltando suas “qualidades”. O texto “As Armas da Mulher” é extenso e fala sobre a beleza da mulher quando é jovem e virgem e como os homens a admiram. Fala de como a submissão é uma “coroa” na cabeça das mulheres e, juntamente com a obediência, faz a lição da vida de uma mulher (*Correio Oficial de Goyaz*, n°464, 1873, p.4). O mais interessante é que o texto foi escrito por uma mulher, Maria Del Pilar Sinues, o que não deixa de confirmar algumas representações que circulavam na cidade, constructos que evidenciavam o modo como essa sociedade via o mundo.

Por outro lado, o jornal *A Tribuna Livre* na Secção Política, discute o fato de muitas pessoas naquela sociedade desfazerem das chamadas pretensões das mulheres, dentre elas, a educação. Este jornal, através do texto “A educação da mulher”, se coloca a favor da educação feminina, perguntando quando a mulher poderá competir com os homens em “todos os cargos, profissões e posições sociais ?” (*A Tribuna Livre*, n° 33, 1881, p. 2). Isto não deixa de evidenciar que, apesar do jornal estar a favor da educação das mulheres em 1881, ano desta publicação, a mulher ainda vivia um papel bem delimitado. Não podia concorrer a cargos públicos, tinha uma posição social diferente da posição dos homens e ainda enfrentava, no que se pode aferir do texto, preconceitos referentes ao seu desejo de educar-se. O que se coloca como paradoxal, é que na segunda metade do século XIX, através de dados colhidos nessa mesma fonte, as mulheres já tinham acesso à educação, já existiam escolas específicas para mulheres, onde, inclusive, a música era matéria ministrada. Este mesmo jornal e texto comentaram ainda sobre o professor de música Sr. José do Patrocínio Tocantins, afirmando que era liberal, que dava aulas mistas, e que isso era uma justiça às mulheres. (*A Tribuna Livre*, n° 33, 1881, p. 2). No entanto, apesar destas observações, outro jornal já revelou que os papéis das mulheres continuavam delimitados, já que nas escolas femininas os trabalhos com

agulhas e prendas domésticas eram muito mais considerados (*Correio Oficial de Goyaz*, nº10, 1884, p.1).

Esses registros deixam claro diversos ideais que a mulher incorporava na época: submissa, enclausurada e discreta. Era desejada enquanto virgem e endeusada quando se tornava mãe. Precisava saber realizar bem as tarefas domésticas, a educação não se apresentava como essencial, apesar desse pensamento estar em transformação. Matérias como estas, demonstram que a mulher era retratada como alguém que estava abaixo do homem, não parecia possuir uma voz forte na sociedade, não estava incluída nos projetos de educação e estava relacionada ao “ideal de Maria-santa”, já mencionado.

### **O protagonismo da mulher no cenário musical vilaboense**

Apesar desta realidade, das representações veiculadas através dos registros em jornais, de modo contrário à mentalidade machista da época e dos ideais femininos que as limitavam, as mulheres goianas mostraram-se protagonistas de diversas formas. Segundo Ribeiro (2001, p. 53), criaram no início do século XX ligas femininas que objetivavam “divulgar as formas e os comportamentos exemplares da mulher moderna”. Essas ligas foram divulgadas por jornais que eram abertos à atuação da mulher, como o jornal informativo *Bem te vi* (1915), por exemplo, dirigido por Aurora Tocantins, que expressavam a luta em favor do progresso feminino. Rodrigues (1982) demonstra que a mulher vilaboense era protagonista e empreendedora também na área da música e da literatura. Ana Xavier de Barros Tocantins (1857-1949) organizava saraus do Gabinete Literário e do Clube Literário em sua residência, junto a recitais de suas alunas, e Eurídice Natal (1883-1970) ocupou a primeira presidência da Academia Goiana de Letras (1904). SANT’ANNA (2006), por sua vez, menciona mulheres atuantes em movimentos abolicionistas, demonstra que através de práticas artísticas que aconteciam no Teatro São Joaquim, que incluíam encenações e práticas musicais, a mulher alçou novos lugares, construiu a si mesma como sujeito político e ressignificou seu papel na sociedade. No Jornal *O Estado de GOYAZ*, sob o título “Festival Abolicionista”, foi encontrado o registro de um concerto realizado e organizado por uma mulher: Josephina de Bulhões (*O Estado de Goyas*, nº 102, 1885, p. 1). O Programa extenso, que privilegia transcrições de árias de ópera para piano e voz, conta com diversas peças executadas por mulheres e está registrado nas páginas do livro de Mendonça (1981, p.80 -81).

Na verdade, os sons de vozes femininas já eram ouvidos em cerimônias religiosas antes do século XX, ou seja, quando ainda não era comum mulheres participarem dos ritos

nas igrejas. O jornal *A Tribuna Livre* na Secção de Notícias traz uma nota sobre a atuação da mulher nas missas: “A música do coro, na missa de domingo, saiu-se bem, não obstante ser a primeira vez que tivemos o prazer de ouvir as excelentíssimas senhoras que dela fizeram parte” (*A Tribuna Livre*, n. 21, 1880, p.1). Rodrigues comenta que o jornal *Tribuna Livre* de 1880, elogiou e destacou as atuações nas celebrações da Semana Santa de Ângela de Bulhões e das irmãs Ana, Leonor e Maria Nazareth Xavier de Barros. Afirmou que as suas vozes fariam “inveja às profissionais da corte” (RODRIGUES, 1981, p. 48-49).

Além desses eventos, a musicista em Vila Boa aparecia também à frente de orquestras e conjuntos instrumentais que tocavam em cinema, como foi o caso de Maria Angélica do Couto, que dirigiu a orquestra do Cine Luso-brasileiro de 1914 a 1918 e Edmea Camargo, que esteve à frente da Orquestra do Cine Ideal a partir de 1923 (MENDONÇA, 1981). Devem ser ressaltados também os saraus lítero-musicais realizados em Vila Boa, organizados geralmente por um número significativo de mulheres que cantavam e tocavam nestes eventos. Um sarau que aconteceu em 13 de novembro de 1880 foi registrado pelo *Correio Oficial de Goyaz* sob o título “Noticiário: Concerto Musical”. Com um programa extenso e realizado por mulheres, envolvia também a Phil’hamonica, coro e a banda do batalhão 20 da cidade. Neste evento, as mulheres apresentaram peças de compositores como Verdi, Carlos Gomes e Giulio Massenet, executaram peças para piano e voz (*Correio Oficial de Goyaz*, n° 87, 1880, p.4). Há também o registro de outro sarau no livro de Mendonça (1981) realizado no início do século XX, organizado por um grupo de mulheres amigas de Celuta Bulhões de Gouvea para homenageá-la. Emma Fleury tocou violino neste evento, o que demonstra que havia mulheres se dedicando não somente ao piano, mas também a outros instrumentos, embora, para a autora, a importância do piano em Goiás nesta época seja inegável.

Por outro lado, a mulher Vilaboense, desde o século XIX, além de estudar música e realizar concertos, esteve presente de maneira forte na educação musical. Borges (1998) e Mendonça (1981) citam diversas professoras de piano que vieram de famílias tradicionais da cidade, como é o caso da família Bulhões e da família Fleury. Sendo a música matéria obrigatória nas escolas para o sexo feminino, o que foi citado por diversos destes jornais consultados, é provável que existissem professoras de música atuando nestas escolas. No entanto, não foram encontrados registros específicos sobre isso. A bibliografia deixa claro que com a mudança da capital, muitos profissionais vilaboenses migraram para Goiânia, inclusive mulheres musicistas e educadoras, como foi o caso de Maria Angélica do Couto, cujas



atividades e iniciativas na cidade levaram à criação do Conservatório Goiano de Música, hoje Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (BORGES, 1998).

### **Considerações Finais**

Nota-se, através deste trabalho, a vanguarda das mulheres goianas ao conquistarem diversos espaços que antes eram impensáveis para elas, através da atuação e empreendedorismo musical. Apesar de viverem em um período onde o que se almejava da mulher era o “ideal de Maria-santa”, demonstraram força e investiram em uma luta, velada ou não, contra os significados impostos a elas e, desse modo, conquistaram seu espaço. Notou-se que a sua atuação aconteceu em diversos contextos, criando ligas femininas, cantando na igreja, atuando como solistas, ensinando música, dirigindo e escrevendo textos para jornais, organizando saraus lítero-musicais, inclusive, apoiando ideais abolicionistas, dirigindo orquestras em cinemas e a Academia Goiana de Letras. Estas atividades demonstram que quebraram paradigmas existentes no período focado, agiram de forma diferente daquela divulgada pelos jornais, que preconizavam o que deveriam ser e como deveriam agir. Evidenciaram outras representações, portanto, que interagiram com aquelas que circulavam.

Outro importante dado colhido foi o fato de que já na segunda metade do século XIX a sociedade goiana se preocupava com a educação feminina que, geralmente, incluía a música, e que, muitas vezes, era considerada sem importância em alguns registros dos jornais. Circunstância que remete a um dos fatos interessantes verificados nesta pesquisa, a impressão de que existia uma disparidade entre os pensamentos que circulavam na época, divulgados por um mesmo jornal. Muitas vezes, esses jornais mostravam textos machistas, mas, ao mesmo tempo, ofereciam espaço para o crescimento da mulher. Isso pode evidenciar uma sociedade em transformação tanto intelectual quanto no âmbito cultural, um entrecruzamento constante de diferentes representações na trama social, e, não pode ser esquecido, que esta sociedade se desenvolvia em pleno Brasil Central, em uma época que a vida movimentada deste país acontecia, sobretudo, na orla.

### **REFERÊNCIAS**

ALVES, Ana Carla F.; ALVES, Ana Carina da Silva. *As Trajetórias e Lutas do Movimento Feminista no Brasil e o Protagonismo Social das Mulheres*. SEMINÁRIO CETROS NEODESENVOLVIMENTISMO, 4, Fortaleza, 2013. Fortaleza: UECE, 2013. p. 113

BORGES, Maria Helena J. *A Música e o Piano na Sociedade Goiana*. Goiânia: FUNAPE, 1998.



- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Editorial, 2002.
- CHAUL, Nars F. *Goiânia: A Capital do Sertão*. *Revista UFG*, Junho 2009, Ano XI nº 6. p.100-110.
- DESOUZA, Eros; BALDWIN, John R.; ROSA, Francisco Heitor da. A construção Social dos Papéis Femininos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2000, 13(3), p.485-496.
- \_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tadeu Tomás. (Org.) *Identidade e Diferença*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 103-133
- MENDONÇA, Belkiss S. *A música em Goiás*. Goiânia: Editora UFG, 1981.
- NOGUEIRA, Izabel P.; FONSECA, Susan C. *Estudos de gênero, corpo e música: abordagens metodológicas*. Porto Alegre: ANPPOM, 2013.
- PALACIN, Luís; MORAES, Maria Augusta de S. *História de Goiás*. Goiânia: UCG, 1994
- PESAVENTO, Sandra. Em Busca de Outra História. *Revista Brasileira de História*. V. 15, nº 29. São Paulo, 1995.
- RODRIGUES, Maria Augusta C. S. *A modinha em Vila Boa de Goiás*. Goiânia: UFG, 1982.
- RIBEIRO, Paulo R. Sombras no silêncio da noite: imagens da mulher goiana no século XIX. In: CHAUL, Nasr; RIBEIRO, Paulo R. *Goiás Identidade, paisagem e tradição*. Goiânia: Ed. UCG, 2001.
- SANT'ANNA, Thiago. Noites Abolicionistas: as mulheres encenam o teatro e abusam do piano na cidade de Goiás. (1870-1888). OPSIS - *Revista do NIESC*, cidade, Vol. 6, 2006, p. X-X.

## JORNAIS PESQUISADOS

**Disponíveis na Biblioteca Nacional digital: <http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.html>**  
**Acesso: Agosto de 2017**

- JARDIM, José Leopoldo de Bulhões. Secção de Notícias: Aulas de Música. *A Tribuna Livre*. Goyaz: nº 51, p.4, 1881.
- TOCANTINS, J. do P. Marques. Secção de Notícias: Festividades Religiosas. *A Tribuna Livre*. Goyaz: nº 21, p.1, 1880.
- JARDIM, José Leopoldo de Bulhões. Secção Política: A Educação da Mulher. *A Tribuna Livre*. Goyaz: nº 33, p. 2, 1881.
- TOCANTINS, J. do P. Marques. Variedades. *A Tribuna Livre*: Goyaz: nº 006, p. 4, 1880.
- ALBERNAZ, Bernardo A.; TOCANTINS, José P. M.. Variedade: Virgem. Mulher e Mãe. *A Tribuna Livre*. Goyaz: nº 69, p. 4, 1879.
- SINUES, Maria Del Pilar. As Armas da Mulher. *Correio Oficial de Goyaz*: Goyaz: nº464, p.4, 1873.
- FELIX, Antonio; JARDIM, Jose L. Bulhoes; BULHÕES, Inácio S. Festival Abolicionista. *O Estado de Goyaz*. Goyaz: nº 102, p. 1, 1885.
- Noticiário: Concerto Musical. *Correio Oficial de Goyaz*. Goyaz: nº 87, p.4, 1880.



Governo Provincial: Do ensino Primário. *Correio Oficial de Goyaz*. Goyaz: n° 10, p.1, 1884.